



Fluxo e contrafluxo juvenil

Garotos malditos, de Santiago Nazarian

Rodrigo L. Fonte*

A ficção brasileira concentrada na fruição dos jovens entre dez e quinze anos passa por consideráveis, embora paulatinas, transformações. Se até o final do século XX tínhamos obras com propostas educacionais, preocupadas com a transmissão de valores éticos, com o letramento, mais próximas da realidade imediata, hoje começamos a experimentar a multiplicidade estética, de tendências embaralhadas, incorporada ao forte diálogo com as multimídias. Seja no formato de melodrama, de terror, de aventura, de fantasia mágica ou absurda, nunca se produziu tanto esse tipo de literatura, nunca se falou tanto sobre esse tipo de literatura. Ela vem dinamizando o mercado editorial, marcando presença nas grandes feiras internacionais, nas estantes das melhores livrarias, nas mesas de cabeceira de nove entre dez almas em busca de puro entretenimento.

Depois do retumbante sucesso das séries *Crepúsculo*, *Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *As crônicas de Nárnia*, o mundo literário afinal despertou para o valor do gênero fantástico juvenil. Aqui, no Brasil, tal movimento influencia a arte de Raphael Draccon, André Vianco, Martha Argel, Giulia Moon, Douglas MCT – para citar alguns autores que respondem a contento à demanda de público e crítica.

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No que concerne à maneira como essa literatura se constituiu, apesar de variada e com uma assinatura bastante nítida por parte de cada autor envolvido, percebemos um certo padrão formal encerrado na ausência proposital de sofisticação literária, no foco excessivo sobre a ação causal, na narração que objetiva a narrativa fugaz – em suma, no relato de uma história interessante, destinada a um público específico.

É seguindo esse fluxo que Santiago Nazarian, um dos autores mais originais e antenados surgidos a partir dos anos 2000, lança *Garotos malditos* (2012), seu primeiro romance juvenil, dedicado a “moleques malditos, excluídos, esquisitos”. Trata-se de um livro “para meninos”, conforme o próprio Nazarian esclarece em seu blog, “com uma história cheia de sacadas; despirocada, engraçada e inteligente”. Mas há também muita malícia pernóstica, além de doses de violência e crueldade. E não poderia ser diferente: desde *Olívio* (2003), seu romance de estreia, passando por mais outros quatro até o livro de contos *Pornofantasma* (2011), Nazarian trabalha as incongruências humanas imersas no claro-escuro das questões existenciais de seres psicóticos e trevosos, habitantes do *underground* urbano, com uma linguagem pop, debochada e repleta de referências a livros clássicos (às vezes até aos próprios), bandas de rock e filmes. Aliás, é homenageando *O massacre da serra elétrica* que ele abre o livro: “Do meio das árvores secas da floresta escura emergiu o maníaco com a máscara de pele humana. Motosserra em mãos, desceu-a entre as pernas do pobre parapléxico, cortando-o ao meio, assim como a sua cadeira de rodas”. E logo em seguida acrescenta: “A menina que estava com ele se pôs a correr pela floresta, gritando feito bocó, como se alguém pudesse ajudá-la naquele fim de mundo escuro. Eu fiquei lá, vendo tudo,

paralisado. Só quando ouvi um pigarro vindo do canto é que reparei que minha mãe estava na porta do quarto”.

Escrito com mãos leves e ágeis por Ludo, um adolescente rebelde – porém nada popular – “comedor”, dono de um polêmico piercing na boca, “descolado” que mais parece um deslocado crônico, o livro narra suas experiências pouco ortodoxas quando se vê expulso de um colégio religioso e transferido pelos pais intelectuais para um colégio alternativo, o Pentagrama, cujos alunos e professores são na realidade vampiros, lobisomens, zumbis, possuídos pelo demônio e outros personagens-tipo do universo fantástico e de horror. Embora num primeiro momento Ludo se sinta finalmente “encaixado” ao novo ambiente, logo percebe que também ali é um estranho, uma “nulidade”, como os demais se referem a ele – um garoto que mesmo não sendo comum entre os comuns, não chega a ser incomum quando no meio de incomuns. Em pouco tempo, testemunha crimes bizarros idealizados pela diretora psicopata, cometidos pelos alunos e professores, e decide salvar a escola e o mundo desses seres ameaçadores.

Dividido em três partes e magnificamente ilustrado por João Lestrage, *Garotos malditos* fala de mudanças, sobretudo daquelas que desencadeiam crises de identidade na adolescência. Mudanças que ocorrem precisamente no instante em que se faz necessário projetar uma personalidade singular num mundo regido por padronizações. De modo mais profundo, examina o desabrochar de um “eu” a partir do deslocamento, da certeza íntima de um não-pertencimento invariável. Não por acaso, a linguagem do livro é *teen*, extremamente coloquial, irônica e cheia dos maneirismos das redes sociais: o acesso aos leitores em conflito é imediato; Ludo é, enfim, mais um incompreendido – como eles. Talvez nesse aspecto

esteja o verdadeiro tino técnico – e, por que não dizer, comercial – de Nazarian. Pela primeira vez temos uma ficção sua mais discreta, contida, mais preocupada com o conteúdo do que com a forma. Temas como práticas sexuais na adolescência, bullying, relações frágeis de amizade são tratados também como recurso de conexão com a verdade do leitor.

O fato é que *Garotos malditos*, enquanto obra de arte, não quer convencer nem justificar-se: parte, isso sim, num contrafluxo estético ao quebrar determinadas represas matriciais do gênero, como o excesso de personagens, de ações e reações mimetizando o universo dos games eletrônicos e do RPG. É o que faz sobretudo ao brincar (arriscadamente) com o dualismo entre bem e mal.¹

As criaturas sobrenaturais criadas por Nazarian, ao contrário do que foi estabelecido e propagado pelos *best-sellers* do gênero, não são dotadas de bons sentimentos, não são exemplos de boa conduta. Nem mesmo o protagonista, aparentemente imune às zonas sombrias projetadas pelo corpo social asséptico, que se deseja positivo, do qual faz parte.

Vale a leitura de *Garotos malditos* não como uma ficção à espera de interpretações profundas, pautadas em teorias: sua proposta é contra o tédio, se possível, perturbando as convicções que procuram assentar normalizações; seu objetivo é divertir gente de corpo e/ou mente jovens; é pôr em coexistência todos os paralelos

1 É através do exorcismo praticado pelo padre Fábio Júnior, sacerdote bonito que na maior parte do tempo está gravando CDs e fazendo shows, que Ludo consegue afinal o seu intento heroico. Muitos leitores comuns e críticos, desatentos quanto ao estilo de Nazarian, veem nisso uma falha no romance, um contrassenso, já que o livro começa tratando da Igreja como opositora da liberdade e termina com uma mensagem religiosa, apontando-a como salvadora. Na verdade, tudo não passa de uma escolha sarcástica do autor para tratar do tema.

possíveis a fim de contribuir para alguma mudança no modo como se compreende a literatura (adulta ou juvenil) – o que decerto agrada tanto aos apreciadores de histórias irrealistas quanto aos mais apegados à verossimilhança.